

Tradução e acessibilidade: métodos, técnicas e aplicações

Helena Santiago Vigata
Soraya Ferreira Alves
(organizadoras)



EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

**Reitora
Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB



UnB | BCE

**Diretora da Editora
UnB**

Germana Henriques Pereira

**Diretor da Biblioteca
Central**

Fernando César Lima Leite

**Comissão de
Avaliação e Seleção**

Alex Calheiros
Ana Alethéa de Melo César Osório
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
Ariuska Karla Barbosa Amorim
Camilo Negri
Evangelos Dimitrios Christakou
Fernando César Lima Leite
Maria da Glória Magalhães
Maria Lídia Bueno Fernandes
Moisés Villamil Balestro

Tradução e acessibilidade: métodos, técnicas e aplicações

Helena Santiago Vigata
Soraya Ferreira Alves
(organizadoras)



EDITORA



UnB

Coordenadora de produção editorial
Projeto gráfico e capa
Diagramação

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Wladimir de Andrade Oliveira
Fernando Silva
Ruthléa Eliennai Dias do Nascimento

Portal de Livros Digitais da UnB
Coordenadoria de Gestão da Informação Digital

Telefone: (61) 3107-2687

Site: <http://livros.unb.br>

E-mail: portaldelivros@bce.unb.br



Este trabalho está licenciado com
uma licença Creative Commons [Atribuição-
NãoComercial-CompartilhaIgual4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

T763 Tradução e acessibilidade: métodos, técnicas e aplicações [recurso eletrônico] / Helena Santiago Vigata, Soraya Ferreira Alves (organizadoras). - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.
304 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-154-8 (e-book).

1. Tradução audiovisual. 2. Acessibilidade audiovisual. 3. Surdos - Educação. 4. Deficiência sensorial. I. Vigata, Helena Santiago (org.). II. Alves, Soraya Ferreira (org.).

CDU 81.25

SUMÁRIO

PREFÁCIO

7

INTRODUÇÃO

Helena Santiago Vigata, Soraya Ferreira Alves

9

PARTE I

Novas modalidades de tradução e acessibilidade audiovisual

CAPÍTULO I

Cinema para Surdos: janela de Libras na perspectiva da estética
cinematográfica

Raphael Pereira dos Anjos

14

CAPÍTULO II

Particularidades e desafios da audiodescrição
de textos audiovisuais multilíngues

Soraya Ferreira Alves, Helena Santiago Vigata, Priscylla Fernandes dos Santos

39

CAPÍTULO III

Para além do áudio e das línguas orais: a audiodescrição sinalizada

Anderson Tavares Correia-Silva

65

PARTE II

Reflexões sobre a prática tradutória

CAPÍTULO IV Tradução de roteiros de audiodescrição Soraya Ferreira Alves, Priscylla Fernandes dos Santos, Viviane Santos Almeida Queiroz, Lucas Pereira de Assunção	93
CAPÍTULO V Legenda para Surdos e Ensurdidos do universo sonoro do filme <i>Desejo e Reparação</i> Gabriela Caetano Boaventura Sampieri	133
CAPÍTULO VI Acessibilidade museal: sobre uma experiência multissensorial no Museu dos Correios Helena Santiago Vigata, Patricia El-moor, Patrícia Tavares da Mata	178
PARTE III Acessibilidade na educação	
CAPÍTULO VII Atividades de ensino de audiodescrição de produtos audiovisuais Charles Rocha Teixeira, Soraya Ferreira Alves, Juliana Rodrigues da Silva, Richard Henrique Coátio Souza	208
CAPÍTULO VIII A complexidade revela-se na prática: questões que surgem no ensino- aprendizagem de Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) Helena Santiago Vigata, Daniela Mineu de Oliveira, Lídia Cristina Moutinho da Silveira	234
CAPÍTULO IX Ensino de história para Surdos no Brasil: reflexões sobre a formação docente e particularidades linguísticas Eduardo Felten, Leonardo Grokoski	261
CAPÍTULO X CiberLibras: o uso da tecnologia assistiva como ferramenta de acessibilidade para surdos no meio acadêmico Patricia Tuxi	283

**PARTE III – ACESSIBILIDADE
NA EDUCAÇÃO**

CiberLibras: o uso da tecnologia assistiva como ferramenta de acessibilidade para surdos no meio acadêmico

Patricia Tuxi

Introdução

Nos últimos dez anos, o ingresso de alunos Surdos no ensino superior cresceu de forma significativa. Segundo o levantamento realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no ano de 2013, 29.124 alunos matriculados em instituições de ensino superior declararam possuir algum tipo de deficiência, e destes, 7.055 identificaram-se como pessoas com deficiência auditiva. É preciso esclarecer que os Surdos já estudavam no ensino superior, contudo passavam despercebidos, pois não havia a obrigatoriedade de um acesso adequado para esse público. Somente com a Língua Brasileira de Sinais, reconhecida pela Lei n. 10.436 no ano de 2002 e regulamentada pelo Decreto n. 5.626 de 2005, o ambiente escolar viu-se obrigado a mudar e a oferecer como forma de acessibilidade, garantida por lei, a língua de sinais – LSB ou Libras.

Dessa forma, é importante reconhecer o número significativo de estudantes Surdos no ensino superior para então analisar, dentre as

políticas públicas de ensino, as formas de acessibilidade linguística que garantem o acesso e a permanência desse sujeito. O âmbito acadêmico deve ser um lugar multicultural e inovador no qual todos consigam comunicar, aprender e se expressar. Com o advento de uma sociedade tão baseada na informação, esse âmbito estendeu-se à sala de aula, onde tantas informações são disponibilizadas. Logo, é fundamental que esses espaços sejam acessíveis e possam oferecer aos docentes e aos discentes as informações necessárias para a autonomia de todos no espaço acadêmico.

Ingressar na universidade, foco deste artigo, vai além de um processo seletivo. O aluno, ao efetuar a matrícula, passa a fazer parte de um ambiente desafiador e rico de notícias. Obter as informações sobre o funcionamento dos espaços, onde ocorrem os eventos, como são feitos os empréstimos de livros, quais os documentos necessários para conseguir bolsas ou até mesmo os lugares onde ficam os departamentos e as faculdades na universidade são informações mínimas que o aluno precisa ter. No caso de este ser Surdo, a situação fica mais complicada, pois é difícil ter um intérprete para cada discente. Portanto, é preciso oferecer um material que divulgue em língua de sinais departamentos, institutos, cursos, campus e faculdades para os alunos entenderem seu funcionamento, onde terão suas aulas, como e onde irão resolver assuntos relacionados à vida universitária.

A divulgação dos sinais, dos videoguias e das informações em língua de sinais facilitará muito o acesso dos alunos Surdos, além de transmitir uma boa imagem da Universidade de Brasília para pessoas de dentro e de fora da Universidade.

Portanto, este artigo objetiva apresentar o *site* CiberLibras, cujo propósito é promover a acessibilidade para pessoas Surdas no ciberespaço, com um enfoque no âmbito acadêmico. Assim, é

fundamental considerarmos a diversidade e a pluralidade que a Universidade de Brasília possui e percebermos a necessidade de atenção que a minoria Surda necessita. Ainda notamos que o site da Universidade de Brasília precisa de melhorias quanto à acessibilidade para Surdos e, com o auxílio das ferramentas presentes no ciberespaço, tornam-se viáveis a criação e a difusão mais rápida de um conteúdo que ajude na diversificação do espaço da Universidade de Brasília.

Para os Surdos que são discentes na Universidade de Brasília, foi feita uma entrevista para questionar a importância do *site* como ferramenta de acessibilidade. Como resposta, os alunos apontaram a necessidade urgente de terem acesso às informações que tornam possível a permanência do aluno na Universidade. Essas informações são úteis para que o Surdo entenda, por exemplo, como o Restaurante Universitário funciona, bem como suas regras e seus direitos. Além disso, conhecer o Programa de Atendimento ao Aluno com Deficiência realizado pelo PNE, serviço oferecido pelo Serviço de Atendimento ao Aluno. Esses serviços são exigências mínimas que os alunos Surdos têm como desejo de informação.

Foi com esse propósito que o CiberLibras foi criado, isto é, como uma tecnologia assistiva para promover autonomia e independência para os usuários da Língua Brasileira de Sinais (LBS) como primeira língua, podendo ser utilizado ainda como ferramenta de aprendizado para tradutores e intérpretes de LSB e discentes não Surdos no âmbito da Universidade de Brasília.

1 Tecnologia Assistiva

A terminologia “Tecnologia Assistiva” é nova. Segundo Bersch (2005), foi criada oficialmente em 1988 como *Assistive Technology* e está legalmente reconhecida na legislação norte-americana *Public Law*, um

conjunto de leis cujo propósito é regulamentar os direitos de cidadãos deficientes dos EUA e garantir fundos governamentais com o objetivo de disponibilizar recursos necessários às pessoas que necessitam de serviços especializados e assim garantir uma vida mais independente, produtiva e incluída no contexto social geral.

Segundo Mello (1997), a tecnologia deve ser considerada assistiva quando tem como objetivo auxiliar no desempenho funcional de atividades, reduzindo incapacidades para a realização de atividades da vida diária e da vida prática nos diversos domínios do cotidiano.

No Brasil, o processo de constituição acerca do conceito de Tecnologia Assistiva é ainda mais incipiente e recente:

A expressão “Tecnologia Assistiva” com frequência é utilizada na língua portuguesa ao lado das expressões “Ajudas Técnicas” e “Tecnologia de Apoio”, na maioria das vezes como sinônimos, em outras, apontando diferenças no sentido de cada uma delas. Por exemplo, alguns autores consideram que as expressões “Tecnologia Assistiva” ou “Tecnologia de Apoio” se refiram a um conceito mais amplo, que abranja tanto os dispositivos, quanto os serviços e metodologias, enquanto que a expressão “Ajudas Técnicas” se referiria apenas aos recursos, aos dispositivos de “Tecnologia Assistiva” (GALVÃO, 2009, p. 6).

A Lei Brasileira de Inclusão – LBI (Lei n. 13.146/2015), em seu capítulo 3, art. 74, afirma:

É garantido à pessoa com deficiência acesso a produtos, recursos, estratégias, práticas, processos, métodos e serviços

de tecnologia assistiva que maximizem sua autonomia, mobilidade pessoal e qualidade de vida (BRASIL, 2015).

Segundo Bersch e Tonolli, a Tecnologia Assistiva são os recursos e os serviços que contribuem para “[...] proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão” (BERSCH; TONOLLI, 2006, p. 3).

Para Galvão (2009), a Tecnologia Assistiva é uma expressão nova que se refere a um conceito ainda em pleno processo de construção e sistematização. A utilização de recursos de Tecnologia Assistiva, entretanto, remonta aos primórdios da história da humanidade ou até mesmo da pré-história. Qualquer pedaço de pau utilizado como uma bengala improvisada, por exemplo, caracteriza o uso de um recurso de Tecnologia Assistiva.

Portanto, é preciso compreender que a noção de Tecnologia Assistiva (TA) adotada neste artigo é distinta da tecnologia reabilitadora, usada, por exemplo, para auxiliar na recuperação de movimentos diminuídos. No CiberLibras, a TA utilizada envolve tanto o objeto, ou seja, a tecnologia concreta (o equipamento ou instrumento), quanto o conhecimento requerido no processo de avaliação, criação, escolha e prescrição, isto é, a tecnologia teórica (ROCHA; CASTIGLIONI, 2005).

Na área educacional, a Tecnologia Assistiva ganha espaço como uma ferramenta que auxilia na autonomia do discente. Segundo Bersch (2006, p. 92), “a aplicação da Tecnologia Assistiva na educação vai além de simplesmente auxiliar o aluno a ‘fazer’ tarefas pretendidas. Nela, encontramos meios de o aluno ‘ser’ e atuar de forma construtiva no seu processo de desenvolvimento”.

A partir da interseção entre a autonomia e sua aplicação é que surge a necessidade de um encontro das tecnologias com as linguagens e, com isso, compor áreas de trocas em que estas possam integrar seus propósitos e conhecimentos, buscando complementos uma na outra (TUXI, 2017). E a Tecnologia Assistiva, com frequência, torna possível o desenvolvimento e o uso das tecnologias educacionais. Dessa forma, o CiberLibras foi pensado como uma tecnologia que prima por ampliar o conhecimento dos discentes ingressos na UnB.

2 CiberLibras: uma Tecnologia Assistiva na Universidade de Brasília

Conforme apresentado nas seções anteriores, a Tecnologia Assistiva é um tipo de tecnologia que utiliza recursos e serviços voltados para um público-alvo específico com o objetivo de proporcionar e ampliar a autonomia do indivíduo que a utiliza. O Comitê de Ajudas Técnicas (CAT) define:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (ATA VII – Comitê de Ajudas Técnicas – CAT, 2014).

A Tecnologia Assistiva contribui para proporcionar ou ampliar habilidades de pessoas com deficiência e, conseqüentemente,

promover uma vida mais independente e inclusiva, ou seja, é qualquer ferramenta que possa auxiliar no dia a dia da pessoa com deficiência. Foi baseado nesse pensamento que o grupo de pesquisa idealizou o *site*. Nesse contexto, o CiberLibras surge como um instrumento de difusão da informação que promove a acessibilidade. Criado a partir da ideia de alunos em 2016, o *site* foi lançado em 2017 com a ajuda da professora Patricia Tuxi juntamente com alunos do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA) e de Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua (LSB-PSL). O objetivo do grupo de pesquisa é ajudar a Comunidade Surda a se integrar melhor à comunidade acadêmica da Universidade de Brasília (UnB) e incentivar as pessoas a terem mais contato com a Língua de Sinais. Desse modo, por meio da difusão de informações concernentes aos eventos e aos programas da UnB disponibilizadas em LSB, espera-se não só uma maior participação dessa comunidade no ambiente acadêmico, mas também um maior interesse dos discentes não Surdos no aprendizado dessa língua.

O projeto contou inicialmente com a participação de dez alunos pesquisadores que realizaram atividades no nível individual e no nível coletivo. Discutiram conjuntamente os textos para, então, confeccionar e aplicar questionários pertinentes à diversidade da Comunidade Surda na Universidade.

Com base nesse levantamento os pesquisadores desenvolveram um banco de dados contendo sinais da Língua Brasileira de Sinais usados no cotidiano acadêmico da Universidade de Brasília. Uma vez desenvolvido, foram feitas a coleta e a análise dos sinais que a comunidade usa na Universidade. Tais dados foram alocados nesse banco para que todos que o desejem possam acessar. Tal banco de dados

visa promover a acessibilidade e a integração de Surdos e Ensurdidos no espaço acadêmico e, principalmente, no ciberespaço.

A criação e a inserção dos sinais-termo no banco de dados objetivam realizar a integração deste no site institucional da Universidade de Brasília. Tal integração proporcionará melhorias quanto à acessibilidade da Comunidade Surda e Ensurdida ao *site*, como promoverá, também, o ensino à comunidade acadêmica.

Todo o projeto vai ao encontro da metodologia proposta pela ação de extensão da Universidade, pois promove a participação de alunos no processo de extensão que irá possibilitar a criação de tecnologias que afetarão diretamente o espaço acadêmico e, com isso, as produções geradas nas salas de aula.

A ação de extensão não criará apenas um produto, mas também modificará uma realidade social excludente em um espaço inclusivo e harmônico entre as línguas, tanto a de sinais como a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Permitirá também aos alunos Surdos e aos não Surdos uma integração que irá além da barreira linguística do aprendizado da Libras. Por conseguinte, a relação entre ensino e extensão está marcada pelas trocas tanto linguísticas como de reconhecimento social de grupos que formam uma diversidade acadêmica que enriquece a Universidade de Brasília.

Os instrumentos avaliadores até o momento estão baseados no questionário aplicado tanto à equipe quanto ao público-alvo com o objetivo de avaliar a funcionalidade do *site*. Um segundo questionário foi aplicado à comunidade externa à Universidade de Brasília com a finalidade de conhecer como está sendo sua recepção e quais empecilhos ainda existem. O propósito do questionário é tornar a ferramenta o mais assistiva possível aos Surdos de maneira geral.

As etapas descritas têm a intenção de avaliar os pontos de interação e integração entre as comunidades surda e ouvinte, verificar o grau de acessibilidade à informação no ambiente acadêmico e apresentar a relevância do projeto à comunidade em geral. O questionário será formulado com o objetivo de fomentar reflexões acerca dos pontos que pretendemos avaliar e, com isso, obter as respostas-chave para o melhoramento do projeto como um todo. A primeira fase dos questionários já foi aplicada à comunidade da Universidade de Brasília geral, e a segunda está em processo.

A estrutura dos questionários é distinta. Essa distinção ocorreu em formatos particulares. O questionário “A” consiste em um formulário escrito em português do Brasil disponibilizado *on-line*. A primeira pergunta desse questionário é se a pessoa é surda ou não. Dessa forma, encaminhamos as perguntas relevantes àquela pessoa de acordo com sua resposta, ou seja, se quem responde é surdo, recebe as perguntas relevantes à Comunidade Surda e, se for ouvinte, receberá as perguntas relevantes à comunidade ouvinte, evitando-se, assim, perguntas e respostas redundantes.

O questionário “B”, por sua vez, será uma versão do questionário “A” filmada em Libras e estará voltado aos usuários de Libras como primeira língua. Esse questionário será gravado por um aluno Surdo, componente do grupo de pesquisadores deste projeto, e aplicado presencialmente a alunos Surdos da Universidade de Brasília. Suas respostas serão registradas em vídeo (Libras) ou em texto (português). As respostas recebidas pelos questionários “A” e “B” serão analisadas em geral e individualmente e utilizadas no melhoramento do projeto.

Conforme os questionários forem sendo aplicados, as respostas obtidas em relação às perguntas propostas serão analisadas, e

dependendo da sua relevância para o funcionamento do projeto, serão mantidas. De acordo com o que foi apresentado nos objetivos específicos, cada fase depende diretamente da análise qualitativa e quantitativa em relação ao público-alvo. Segundo a execução das atividades propostas, tanto o banco de dados quanto o *site* serão elaborados e moldados consoante a necessidade dos usuários.

Figura 1: Logo do site



Fonte: www.ciberlibras.unb.br

A concepção do *design*, assim como a criação do sinal para o site, teve a participação tanto dos alunos ouvintes quanto dos Surdos do grupo. As mãos abertas para cima representam uma árvore, que, de acordo com as mitologias e o folclore de várias culturas, é provedora tanto de sustento quanto de descanso. Para o grupo, ela é provedora de conhecimento. As ramificações acima representam tanto a dispersão quanto a agregação de conhecimentos. As linhas vermelhas representam o que seriam os frutos, e a tipografia foi pensada para que a simplicidade e os objetivos por trás da concepção fossem agragados e fizessem sentido quanto aos objetivos e aos resultados esperados.

Figura 2: Lâmina de abertura do site



Fonte: www.ciberlibras.unb.br

Na página inicial, como se vê, o uso de textos em língua portuguesa não é excessivo e a linguagem é simples. À esquerda há vídeos de informação relevante, e à direita temos o que foi proposto como Termo da Semana, onde é apresentado um sinal-termo de algum lugar da Universidade ou de algum contexto administrativo específico. Depois de apresentado o sinal-termo, este é contextualizado em uma frase ou diálogo onde possa ser aplicado.

Figura 3: Lâmina do glossário e vocabulário do site CiberLibras



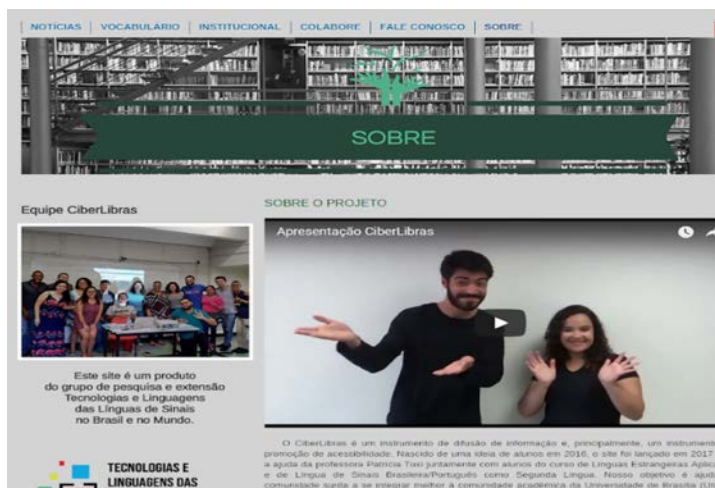
Fonte: www.ciberlibras.unb.br

A página de vocabulário foi pensada primeiramente para sanar as dúvidas dos alunos quanto à existência ou não de algum sinal-termo do contexto acadêmico da Universidade de Brasília; existindo o sinal-termo, ele é apresentado primeiramente de forma alfabética. Ao clicar em uma letra, o usuário vê todas as correspondências com a letra selecionada. O termo selecionado abrir-se-á em formato .gif.

Ao clicar em “Cursos”, todos os cursos com sinais-termo já registrados aparecem, tanto em forma de sinal como também em um contexto que facilita sua utilização, assim como proposto na primeira página no Termo da Semana. O mesmo serve para a coluna de Edifícios.

Onde se lê “Expressões Básicas” ficam os vídeos com alguns sinais simples para facilitar a comunicação entre um aluno/servidor ouvinte e um aluno/servidor Surdo. Alguns diálogos e atividades cotidianas são sinalizados, sendo explicada a utilização dos sinais para que a comunicação efetiva possa acontecer.

Figura 4: Lâmina que apresenta a criação do site



Fonte: www.ciberlibras.unb.br

Na última página do *site* são apresentados o histórico de trabalho do grupo e um vídeo sinalizado e legendado para que os objetivos e as metas do grupo sejam compreendidos.

Os sinais-termo que compõem o *site* têm sua origem no trabalho de Tuxi (2017). A autora apresenta uma proposta de estrutura e organização de termos da área técnica e administrativa da Universidade de Brasília. A seguir apresentamos o glossário bilíngue e os videoguias que fazem parte desse espaço.

2.1 Glossário bilíngue

O glossário proposto no site é bilíngue e tem a finalidade descrever o termo em duas línguas. Entretanto, conforme alerta Faulstich (2010), “[...] não é somente a presença de duas línguas que torna um dicionário bilíngue, mas principalmente o motivo pelo qual as duas línguas são postas em contato” (FAULSTICH, 2010, p. 175).

Para Tuxi (2017), a proposta de elaboração de um glossário bilíngue vem em resposta ao movimento social que exige uma política linguística de reconhecimento da língua e sua estrutura, ou seja, pensar em proporcionar espaços, sejam estes físicos ou virtuais, numa perspectiva bilíngue em que a L1 é a LSB ou Libras, língua de comunicação e uso da Comunidade Surda, e a L2 é a LP, língua portuguesa de registro escrito garantido pela Lei n. 10.436/2002.

De acordo com as teorias terminográficas, organizar, pensar e estruturar glossários é uma tarefa árdua. O responsável por essa área é o terminógrafo. O glossário é um produto terminológico, assim como o vocabulário, os dicionários e as normas terminológicas. Segundo Krieger (2006), o glossário teve sua origem como uma

breve lista de palavras ou termos com seus significados, situados normalmente no final de textos como forma de serem consultados.

Para Correia (2009):

[...] um glossário é uma lista restrita de vocábulos de um determinado domínio do conhecimento, de um determinado registro linguístico (por exemplo, o calão a gíria), específicos da obra de um ator, constituída por neologismos, arcaísmos, regionalismos, etc. o glossário distingue-se do dicionário não apenas pelo número reduzido de entradas, mas também pela possibilidade de reduzir as informações apresentadas (CORREIA, 2009, p. 31).

Para Faulstich (2014), glossário pode ser definido como:

[...] repertório de termos, normalmente de uma área, apresentados somente em ordem sistêmica ou somente em ordem alfabética. O ideal é que um glossário seja elaborado e concluído abrangendo tanto a ordem sistêmica quanto a ordem alfabética, assim o leitor não perde a informação que está contida numa remissão de termos. Em um glossário um verbete apresenta as informações registradas na ficha de terminologia de cada termo, de acordo com a constituição que o elaborador estruturou a ficha. é preciso estar atendo para essa constituição, a fim de evitar transformar um glossário em um léxico (FAULSTICH, 2014, p. 1).

Assim, a escolha do grupo de pesquisa foi que os termos no CiberLibras fossem registrados de forma bilíngue (LSB – LP), pois é oferecido ao discente Surdo da UnB assim como a outras universidades brasileiras. Além disso, as informações sobre a estrutura social e acadêmica da qual ele faz parte serão oferecidas tanto na língua de comunicação (L1) como na língua de registro (L2).

Consequentemente, escolhemos organizar e estruturar o glossário utilizado no site com base na LSB, seguida, então, da língua portuguesa, pois pretendemos priorizar o contato inicial do consulente com o sinal-termo. Em seguida, por meio de um ícone, tem-se acesso ao verbete em português como segunda língua. Assim, a proposta do glossário é bilíngue, pois possui as duas línguas de forma concomitante no que se refere ao registro. Contudo, a LSB precederá a LP.

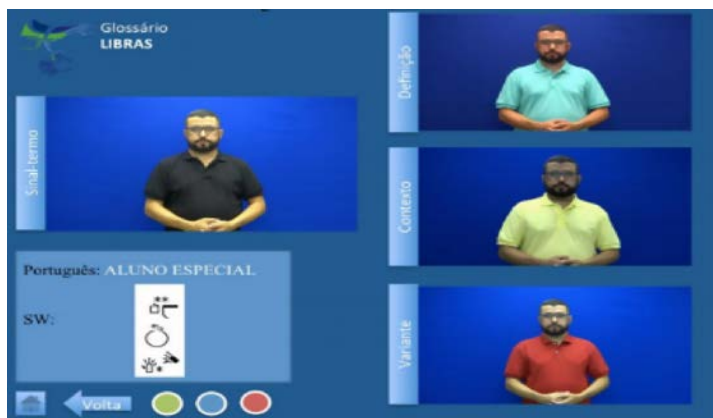
Segundo Krieger e Finatto (2006), os termos especializados têm como função a transmissão de informações acerca de tecnologias e conhecimento de mundo. Justifica-se a importância de sua utilização como forma de conhecimento e uso de léxicos distintos e de áreas específicas. No caso do *site*, o usuário “secundário” deste glossário é o tradutor e intérprete da Universidade e, portanto, acreditamos ser de fundamental importância a presença da entrada seguida da definição em português.

O foco do glossário bilíngue são os termos de especialidade. Estes se constituem de um conjunto de convenções sociais e em evolução. Precisa, então, ficar claro que alguns termos de especialidade, devido ao uso comum, podem cair na língua geral.

No CiberLibras, o glossário dos termos da área técnica e administrativa da Universidade de Brasília é apresentado da

seguinte forma: primeiro em Língua de Sinais Brasileira e segundo em Língua Portuguesa.

Figura 5: Verbete do sinal-termo – aluno especial

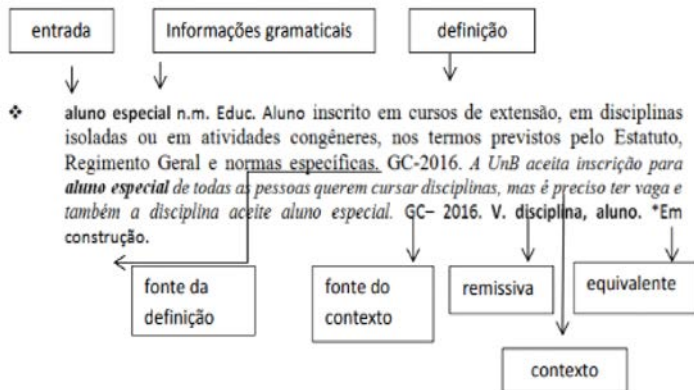


Fonte: Tuxi (2017).

Na figura 5, o termo “aluno especial” está em LSB. Para fins de organização do verbete, a blusa preta é usada no registro da entrada do verbete. Já a blusa de cor verde é usada no registro da definição. Em seguida, a blusa amarela é usada no registro do contexto e a blusa de cor vermelha é usada no registro da variante, se houver. Abaixo da entrada aparece a representação da escrita em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais Brasileira pelo SignWriting.¹ Ao clicar no nome em português, o consulente é dirigido à lista de termos em LP. Os círculos nas cores verde, azul e vermelho, postos no fim do verbete, correspondem, respectivamente, às possibilidades de busca. Ao clicar no nome aparece o termo em Língua Portuguesa.

¹ O SignWriting é um sistema de escrita para escrever línguas de sinais. Essa escrita expressa as configurações de mãos, os movimentos, as expressões faciais e os pontos de articulação das línguas de sinais (TUXI, 2017).

Figura 6: Verbete do termo – aluno especial



Fonte: Tuxi (2017).

No verbete ilustrado pela figura 6, os campos foram organizados para um consulente que deseja obter as informações principais sobre o termo. A estrutura do verbete tem a quantidade de campos reduzida em relação ao modelo original de Faulstich (2001, 2010, 2011).

Os sinais-termo referentes aos espaços da Universidade foram organizados de forma distinta, pois representam os lugares na Universidade e, com isso, a definição vai além dos elementos de constituição do verbete. Por ser uma estrutura diferenciada, dedicamos um novo espaço no site para os sinais-termo que se referem à localização, ou seja, que indicam lugares. Nesse ponto, a inovação tecnológica do uso do QR Code e do videoguia é uma Tecnologia Assistiva, pois contribuem para melhorar a acessibilidade para os alunos Surdos. Apresentamos, na próxima subseção, a estrutura do videoguia.

2.2 Videoguia

Os sinais-termo que representam as localizações da UnB são expostos na forma de videoguias. Estes podem ser considerados tutoriais que utilizam a comunicação visual como forma de ensino. Podemos citar, ainda, o uso de Videoguia para Surdos em importantes espaços culturais brasileiros, como na Pinacoteca de São Paulo, um dos primeiros espaços culturais a implantar o uso de videoguia para surdos. Outros espaços culturais que podemos citar são o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e o Espaço Cultural Itaú em São Paulo. Nestes, os videoguias são oferecidos aos visitantes Surdos por meio de tablets que apresentam vídeos em língua de sinais (TUXI, 2017).

Os videoguias apresentados no CiberLibras são os sinais-termo das localizações da UnB organizados com base no sistema de mapa que constitui os diversos espaços da Universidade, além de ter acesso às informações desse local com o *site* de informações e o horário de funcionamento da secretaria.

Figura 7: Lâmina de videoguia do glossário



Fonte: www.ciberlibras.unb.br

Observamos, então, que o videoguia é uma tecnologia voltada inicialmente para discentes da UnB com o propósito de apresentar os espaços da Universidade em Libras. Os videoguias apresentados nesta pesquisa são resultado de trabalhos desenvolvidos por alunos que participaram de disciplinas que a pesquisadora ministrou.

Considerações finais: um ciberespaço em construção

O movimento em busca dos direitos linguísticos, identitários e culturais da Comunidade Surda nos espaços educacionais cresce proporcionalmente ao reconhecimento da língua de sinais como língua de instrução e ensino.

As universidades brasileiras, ao implementarem os cursos de licenciatura e bacharelado em Letras-Libras, iniciam um processo de reorganização para oferecer acessibilidade linguística nos diversos espaços institucionais. Com isso, desenvolver Tecnologias Assistivas que primam pela independência e pela autonomia das pessoas com deficiência integra a lista de projetos prioritários e necessários para que o processo de inclusão aconteça.

Glossários bilíngues passaram, então, a ter um espaço de uso para a Comunidade Surda e também de grande aprendizado para os intérpretes que atuavam e atuam na área. Pela necessidade, pelo conforto de acesso e, claramente, no intuito político de crescimento linguístico, a criação de glossários aumentou de forma significativa (TUXI, 2015).

O videoguia prima por unir tecnologia e língua de sinais em um único aplicativo que faz uso de tecnologias como QR Code, YouTube, entre outros, e leva em consideração a perspectiva visual e o tipo de acessibilidade linguística que a Comunidade Surda demanda.

Conforme apresentamos, materiais de acessibilidade em língua de sinais destinados ao nível superior de ensino ainda são escassos. Constatar esse fato leva-nos a pensar na necessidade de o ensino superior, como instituição, repensar o conceito de acessibilidade e adotar novos procedimentos que valorizem uma forma eficiente de acessibilidade nos diversos espaços de ensino.

Referências

BERSCH, R., 2005. *Introdução à Tecnologia Assistiva*. Disponível em: <http://www.cedionline.com.br/artigo_ta.html>. Acesso em: 2 ago. 2018.

BERSCH, R. Tecnologia Assistiva e educação inclusiva. *Ensaios pedagógicos*. Brasília: Seesp/MEC, 2006. p. 89-94.

BERSCH, Rita; TONOLLI, José Carlos. Tecnologia Assistiva e educação inclusiva. In: Ministério da Educação (Org.). *Ensaios pedagógicos. III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores*. Educação Inclusiva – Direito à Diversidade. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2006, v. 1, p. 89-93. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=103361>. Acesso em: 2 ago. 2018.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 abr. 2002, Seção 1, p. 23. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 30 jul. 2018.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 2005, Seção 1, p. 28. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 30 jul. 2018.

CAT. *Ata da Reunião VII, de dezembro de 2007*, Comitê de Ajudas Técnicas, Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (Corde/SEDH/PR). Disponível em: <http://www.infoesp.net/CAT_Reuniao_VII.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2008.

CORREIA, Margarita. *Os dicionários portugueses*. Lisboa: Caminho, 2009. Disponível em: <http://pdf.leya.com/2013/Dec/os_dicionarios_portugueses_jnmy.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2018.

FAULSTICH, Enilde. *Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. Brasília: LIV/UnB/Centro LexTerm, 2001.

FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo *et al.* (Org.). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão*. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

FAULSTICH, Enilde. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon: Revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 25, n. 50, s.n., 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/download/28346/16994>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. *Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva: apropriação, demanda e perspectivas*. 2009. 346 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10563/1/Tese%20Teofilo%20Galvao.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. *In*: SEABRA, Maria Cândida (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 157-171.

MELLO, M. Tecnologia Assistiva. *In*: GREVE, J. M. D; AMATUZZI, M. M. *Medicina de reabilitação aplicada à ortopedia e traumatologia*. São Paulo: Manole, 1997.

REDE ENTRE AMIGOS. *Informações básicas sobre Tecnologia Assistiva*. Disponível em: <<http://www.entreamigos.com.br/textos/tecassi/informbasic.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

ROCHA, Eucenir Fredini; CASTIGLIONI, Maria do Carmo. Reflexões sobre recursos tecnológicos: ajudas técnicas, tecnologia assistiva, tecnologia de assistência e tecnologia de apoio. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 16, n. 3), p. 97-104, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13968>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

TUXI, Patricia. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues – língua brasileira de sinais e língua portuguesa. *Cadernos de Tradução*, v. 35, p. 557, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p557>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

TUXI, Patricia. *A terminologia na língua de sinais brasileira*: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. 2017. 232 f. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.